

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral

Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

e-mail : ceclx@sapo.pt

ANO 42

2024

Nº. 255

MAIO - JUNHO

(Não aderimos ao último acordo ortográfico)

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão : Rua das Pedralvas, nº. 1-A 1500-487 Lisboa Telefone : 217647441 *	Índice	Página
Director Responsável: Manuela Vasconcelos *	Editorial	2
	Recordando A. Kardec	3
	Maledicência e dissimulação	7
	Maria, Mãe de Jesus	11
	Prece à Virgem	14
	Caridade	15
	Educação, o papel dos Esp.	17
	Oração da Criança...	22
	Menino Perdido	24
	A vida futura	25

*

EDITORIAL

... E o Tempo passa a correr, e nós vamos correndo atrás dele, na tentativa frustrada de o conseguirmos apanhar! E ainda há pouco iniciámos o novo ano, depois tivemos mais um dia do Pai, no qual lembramos também José, o Pai de Jesus; passou já a Páscoa, que uns viveram no seu simbolismo religioso e outros na aquisição e saboreio do coelho de chocolate, que mais e mais alimenta a gulodice de quem o adquire; daqui a nada, quase, quase ao ‘virar da esquina’, temos a comemoração de mais um dia da Mãe; depois, o dia da criança, as férias escolares... Agosto com as férias dos adultos... e, num ‘pisar de olhos’, aí estamos de novo, a festejar o nascimento do Espírito que se fez criança e renasceu entre os homens para lhes mostrar o caminho para o PAI, de que eles andavam tão arredios!

Mais de vinte séculos já passaram na ampulheta do Tempo e, embora sem conseguirmos ver o que vivemos e fizemos nestes tantos dias, meses e anos somados, uma coisa afirma à nossa inteligência: continuamos a ser imperfeitos!... e esta imperfeição, que temos de aceitar, queiramo-la ou não, grita-nos da falta de amor por nós próprios porque ela significa a continuação do sofrimento, e a má sementeira que continuamos a fazer para colhermos, depois, na vivência imediata, os frutos amargos que não soubemos – ou quisemos – evitar!

Resta-nos, nesta nossa conduta, a consolação de reconhecermos que Deus, que nos criou para sermos felizes, não se cansou ainda de nós e continua a aguardar, como Pai amoroso e paciente que é, que um dia nos modifiquemos mudando

radicalmente a nossa atitude de espíritos que dão continuamente a demonstração de irresponsáveis! Quando nos cansaremos de o ser?

+

No nosso ‘vício’ pela pesquisa, que nos vai ensinando sempre um bocadinho mais em função das leituras que encontramos, debruçámo-nos sobre artigos e escritores que nos fizeram retroceder até à década de 70... continuando por aí fora. Então, e porque gostamos de partilhar, iremos passar a transcrever alguns desses artigos que nos alertam sempre um pouco mais para a necessidade de nos tornarmos melhores... Esperamos que todos os apreciem tanto como nós, quando os ‘descobrimos’.

Então, boa leitura... e a continuação de uma boa corrida para cada um daqueles que queiram aproveitar mais o Tempo que não alcançou ainda. E muita paz para todos!

A DIRECÇÃO

*

RECORDANDO ALLAN KARDEC

O porvir e o nada

Vivemos, pensamos e operamos – eis o que é positivo; morremos, eis o que não é menos certo. Mas, para onde vamos ao deixar a Terra? Que seremos após a morte? Estaremos melhor ou pior? Existiremos ou não? Ser ou não ser é a alternativa. Para sempre ou para nunca mais; ou tudo ou nada. Viveremos eternamente ou tudo se aniquilará de vez? É uma tese essa que se impõe.

Todo homem experimenta a necessidade de viver, gozar, amar e ser feliz. Dizei àquele que sabe que vai morrer, que ele viverá ainda; que a sua hora é retardada; dizei-lhe sobretudo que será mais feliz do que porventura o tenha sido e o seu coração se encherá de júbilo. Mas de que serviriam essas aspirações de felicidade se um sôpro pudesse dissipá-las?

Haverá alguma coisa mais desesperadora do que esse pensamento de destruição absoluta? Afeições caras, inteligência, progresso, saber laboriosamente adquiridos, tudo despedaçado, tudo perdido! Que necessidade haveria em nos tornarmos melhores, em nos esforçarmos para sofrer as más paixões, em nos afadigarmos para nos ilustrarmos, em nos devotarmos à causa do progresso, uma vez que amanhã, segundo o nosso pensamento predominante, nada disso valesse nada? Se assim fosse, a sorte do homem seria cem vezes pior que a do bruto, porque este vive inteiramente do presente, na satisfação dos apetites materiais, sem aspiração para o futuro. Uma secreta intuição, porém, nos diz que isso não é possível.

2. Pela crença no nada, o homem forçosamente concentra os seus pensamentos na vida presente; logicamente, não se explicaria a preocupação com um futuro que não se espera.

A preocupação exclusiva com o presente conduz o homem, antes de mais nada, a pensar em si próprio; é, pois, o mais poderoso estímulo ao egoísmo, e o incrédulo é conseqüente quando chega à seguinte conclusão: gozemos enquanto aqui estamos; gozemos o mais possível, uma vez que conosco tudo se acaba; gozemos depressa, porque não sabemos quanto tempo existiremos.

Ainda conseqüente é cesta outra conclusão, aliás mais grave para a sociedade: gozemos não obstante tudo; cada um por si: a felicidade neste mundo é do mais astuto.

Se o respeito humano é um freio para determinadas pessoas, que freio haverá para aquelas que nada temem? Acreditam estas que as leis humanas não atingem senão os ineptos e assim empregam todo o seu engenho no melhor meio de se esquivarem à acção delas.

Se há outra doutrina **insensata e anti-social**, é, seguramente, o niilismo que rompe os verdadeiros laços de solidariedade e fraternidade, em que se fundam as relações sociais.

3. Suponhamos que, por uma circunstância qualquer, um povo adquire a certeza de que em oito dias, num mês ou num ano será aniquilado; quase nem um só indivíduo lhe sobreviverá, como de sua existência não sobreviverá nem um pela causa de seu progresso, da sua instrução? Entregar-se-á ao trabalho para viver? Respeitará os direitos, os bens, a vida do semelhante? Submeter-se-á a qualquer lei ou autoridade por mais legítima que seja, mesmo a paterna?

Haverá para ele, nessa emergência, qualquer dever? Seguramente, não. Pois bem. O que não se dá colectivamente, a doutrina do niilismo realiza todos os dias isoladamente.

Se as conseqüências não são desastrosas tanto quanto poderiam ser, é, em primeiro lugar, porque na maioria dos incrédulos há mais de fanfarronice do que de verdadeira incredulidade, mais de dúvida do que de convicção – possuindo

eles mais medo do nada do que pretendem aparentar – o qualificativo de espíritos fortes lisonjeia-lhes o amor-próprio; em segundo lugar, porque os incrédulos absolutos se contam por ínfima minoria e sentem a seu pesar os ascendentes da opinião contrária, mantidos por uma força material.

Se um dia a credulidade da maioria fosse absoluta, a sociedade entraria em dissolução e é a isso que leva a propagação da doutrina do niilismo.

Fossem, porém, quais fossem as suas conseqüências, uma vez que se impusesse como verdadeira, seria preciso aceitá-la e nem sistemas contrários, nem a ideia dos males resultantes poderiam obstar-lhe a existência. Forçoso é dizer que, a despeito dos melhores esforços da religião, o cepticismo, a dúvida, a indiferença ganham terreno dia a dia.

Mas se a religião se mostra impotente contra a incredulidade, é porque lhe falta qualquer coisa para combater-la. Se por outro lado a religião se condenasse à imobilidade, estaria, em dado tempo, dissolvida. O que falta a ela neste século de positivismo, em que se procura compreender antes de crer, é a sanção de suas doutrinas por factos positivos, assim como a concordância dessas doutrinas com os dados positivos da Ciência. Dizendo ela ser branco o que os factos dizem preto, é preciso optar entre a evidência e a fé cega.

(Continua no próximo número)

(In: O CÉU E O INFERNO, edição Lake 1973, S. Paulo, Brasil : Primeira Parte – Doutrina – O Porvir e o Nada.)

MALEDICÊNCIA E DISSIMULAÇÃO

**A verdade é como claro sol;
a maledicência é nuvem escura.**

“(...) Não basta que dos lábios manem leite e mel, se o coração de modo algum lhes está associado só há hipocrisia.” – LÁZARO¹

Nenhum trabalhador sério e abnegado da Seara do Cristo está a salvo – em seus labores – da maledicência e da impiedade dos ociosos, invejosos e despeitados...

A maledicência é cultura pútrida da impiedade no solo sáfaro dos espíritos calcetas e refratários ao Bem, cujas más tendências veiculadas pelo livre arbítrio os levam a trilhar as sendas dos equívocos.

Devemos assestar nossa vigilância e oração contra a praga da maledicência aparentemente ingênua, mas que destrói toda a região por onde prolifera.

Se compulsarmos a Bíblia, em especial nos *Salmos*, no Velho Testamento, vamos observar o zelo com que o salmista abordou a questão, oferecendo-nos clara visão dos contornos da maledicência: *“(...) despedaça, Senhor, e divide as suas línguas, pois tenho visto violência e contenda na cidade”*. (Salmos, 55:9); *“a sua boca era mais macia do que a manteiga, mas no seu coração, guerra; as suas palavras eram mais brandas do que o azeite, todavia eram espadas nuas”* (salmos, 55:21); *“todos os dias torcem as minhas palavras; todos os seus pensamentos são contra mim para o mal”* (salmos, 56:5); *“a minha alma está entre*

leões, e eu estou entre aqueles que estão abrasados, filhos dos homens, cujos dentes são lanças e flechas, e cuja língua é espada afiada” (salmos, 57:4); *“armaram uma rede aos meus passos, a minha alma ficou abatida; cavaram uma cova diante de mim, mas foram eles que nela caíram”* (salmos, 57:5); *“ouve, ó Deus, a minha voz na minha oração; livra a minha vida do horror do inimigo. Esconde-me do secreto conselho dos maus, e do tumulto dos que praticam a iniquidade; os que afiaram as suas línguas como espadas, e armaram por suas flechas palavras amargas, para de lugares ocultos atirarem sobre o que é recto; disparam sobre ele repentinamente, e não temem. Firmam-se em mau intento. Fazem indagações maliciosas, inquirem tudo o que se pode inquirir; até o íntimo de cada um.”* (salmos, 64:1 a 8).

Também os Espíritos Superiores que participaram dos trabalhos da Codificação Espírita junto a Kardec, não se descuraram desse tema. Eis um pequeno extracto de suas instruções:

*“A benevolência para com os seus semelhantes, fruto do amor ao próximo, produz a **afabilidade** e a **doçura**, que lhe são as formas de manifestar-se. Entretanto, nem sempre há que fiar nas aparências. A educação e a frequência do mundo podem dar ao homem o verniz dessas qualidades. Quantos há cuja fingida bonomia não passa de máscara para o exterior, de uma roupagem cujo talhe primoroso dissimula as deformidades interiores! O mundo está cheio dessas criaturas que têm nos lábios o sorriso e no coração o veneno; que são brandas, desde que nada as agaste, mas que mordem à menor contrariedade; cuja língua, de ouro quando falam pela frente, se muda em dardo peçonhento, quando estão por detrás...”*

Profundo conhecedor dos escolhos da senda do trabalhador do Cristo, Paulo de Tarso, visando o combate à maledicência e ao estabelecimento da paz e harmonia entre os trabalhadores da hora primeira, recomenda aos tessalonicenses: (1 tessal., 4:9):

“(…) quanto, porém, à caridade fraternal, não necessitais de que eu vos escreva, visto que vós mesmos estais instruídos por Deus que vos ameis uns aos outros”.

Por estar tão arraigada na alma humana e ser tão perniciosa à economia espiritual, a maledicência vem recebendo até hoje o foco da atenção de Numes Tutelares, haja vista a seguinte página, da lavra da nobre Mentora Joanna de Ângelis², da qual podemos extrair preciosas advertências para o nosso comportamento na vida de relação:

“Espinho cruel a ferir indistintamente é a palavra de quem acusa; cáustico e corrosivo é o verbo na boca de quem relaciona defeitos; veneno perigoso é a expressão condenatória a vibrar nos lábios de quem malsina; lama pútrida, trescalando fétido, é a vibração sonora no aparelho vocal de quem censura; borralho escuro, ocultando a verdade, é a maledicência destrutiva. A maledicência é cultura de inutilidade em solo apodrecido. Maldizer significa destruir.

“A verdade é como claro sol; a maledicência é nuvem escura. No entanto, é invariável a vitória da luz sobre a treva. O maledicente é o atormentado que se debate nas lavas da própria inferioridade. Tem a visão tomada e tudo vê através das pesadas lentes que carrega. A palavra malsonante nasce discreta, muitas vezes, para incendiar-se perigosa, logo mais, culminando na calúnia devastadora.

“Não há desejo de ajudar quando se censura. Ninguém ajuda condenando. Não há socorro se, a pretexto de auxílio, se exibem as feridas alheias à indiferença de quem escuta. Quanto possível, extingue esse monstro da paz alheia e da tua serenidade, que tenta dominar-te a vida. Caridade é benção sublime a desdobrar-se em silencioso socorro. Volta as armas da tua oração e vigilância contra a praga da maledicência aparentemente ingênua, mas que destrói toda a região por onde prolifera. Recusa a taça venenosa que a observação da impiedade coloca à tua frente. Desculpa os erros dos outros. É muito mais fácil informar-se erradamente do que se atingir o fulcro da observação exacta. As aparências não expressam realidades. A forma oculta o conteúdo. Ninguém pode julgar pelo exterior.

“Quando vier a tentação de acusar e apontar defeitos, lembra-te das próprias necessidades e limitações, e, fazendo todo o bem possível ao teu alcance, avança na firme resolução de amar, e despertarás, além das sombras da carne por onde segues, num roteiro abençoado onde os corações felizes e livres buscam a vida verdadeira.”

Em outra oportunidade³, embora elucidando acerca da mentira, Joanna de Ângelis teceu alguns comentários que podemos aproveitar como parâmetros de cuidados a serem observados com relação à praga da maledicência: *“(…) uma disciplina e vigilância rígida na arte de falar, procurando (quando necessário) repetir o que ouviu como escutou, o que viu conforme ocorreu, evitando traduzir o que pensa em torno do assunto, que não corresponde à legitimidade do facto, são de vital importância para o encontro com a realidade.*

“A terapia da boa leitura, dos hábitos saudáveis no campo moral, sem pieguismo sem auto-compaixão, produz resultado

relevante e reajusta o indivíduo à harmonia entre o que pensa, vê, ouve e fala.”

Segundo a nobre Mentora de Divaldo Franco, a maledicência, a mentira, a calúnia e quejandos, formam um séquito causador de terríveis distonias psicológicas e éticas no comportamento social e, por isso, devem ser sumariamente rechaçadas sob quaisquer formas em que se apresentem, face aos prejuízos morais que provocam.

- 1- KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 129 ed. Rio (de Janeiro); FEB, 2009, cap. IX, item 6;
- 2- FRANCO, Divaldo. *Lampadário Espírita*. 2. ed. Rio (de Janeiro); FEB, 1971, cap. 30;
- 3- FRANCO, Divaldo. *Vida: desafios e soluções*. Salvador; LEAL, 1997, P. 43.

ROGÉRIO COELHO

(Manhuaçu – M. Gerais. – Brasil)

*

MARIA, MÃE DE JESUS

O Espírito Áureo, pela mão do médium Hernâni de Sant’Ana, no livro “Universo e Vida”, editado pela F.E.B., esclarece-nos que, quando projectou a sua vinda à Terra o Espírito Cristo deslocou-se ao sistema de Sirius, convidando os Espíritos que seriam os seus futuros pais, e os restantes Espíritos, que o acompanhariam na Terra como os ‘pescadores de homens’.

Mais tarde, num artigo de que não recordamos o nome do autor, ali encontramos uma referência sobre a não aceitação evoluída de Maria, que mais parecia ser feita por seres misóginos, de tal maneira a ela se referiam... mas o Tempo foi passando, as referências a Maria foram surgindo, dadas por Espíritos Superiores que transmitiam os seus conhecimentos para os terrenos e, pouco a pouco, os habitantes da Terra foram modificando e compreendendo que Maria, Aquele Ser especial que Jesus entregara a João, na simbologia de Mãe de toda a humanidade, era (é) o Espírito de Amor que a todos nos acolhe e protege.

Camilo Castelo Branco, Espírito também, refere a protecção que Maria dedica aos suicidas e identifica o hospital espiritual onde eles são socorridos como Hospital Maria de Nazaré.

Emmanuel, através da mão de um médium psicopictórico e sob a orientação que foi transmitindo a Chico Xavier, ele também médium, vai referindo os traços com que, depois, passa a ser conhecida a foto espiritual de Maria, no desenho que sob a sua orientação, o desenhista fez.

E os livros sobre Maria vão surgindo, todos eles procurando dar a conhecer melhor, na opinião dos seus autores, o Ser a quem Jesus deu o nome de “Rainha dos Anjos” (Espírito Humberto de Campos/Irmão X, “Boa Nova”), mas talvez, dos autores encarnados, aquele que mais tenha merecido a nossa atenção foi o “SILÊNCIO DE MARIA”, escrito pelo bispo espanhol Inácio Larroñaga, pela análise e desmistificação que ele fez a tudo o que se disse sobre o nascimento do Menino – desde o silêncio de quem se recolhe instintivamente para melhor viver e absorver os

momentos que vão passando até à virgindade, quando ele diz que tudo é virgem quando acontece pela primeira vez.

A nossa fé diz-nos que sim, que Maria é Aquela Mãe a quem Jesus nos entregou para a todos proteger, e pensamos não haver ninguém que, em determinado momento da sua existência, não tenha recorrido a Ela por um ou outro motivo. Sabemos de alguém que, uma vez, num desespero maior, se lhe dirigiu nestes termos: “Se, realmente, existes, ajuda-me, que eu não sei já o que fazer da minha vida!”... e, sem palavras, Ela provou-lhe que existia!

Há alguns anos já, o seu dia passou a ser comemorado no mês de Maio – embora haja quem o comemore, ainda, no 8 de Dezembro, dia que primeiro lhe foi dedicado -, mas seja qual for a data em que ‘oficialmente’ Ela é lembrada, o que importa, o que acalenta o coração e a fé de qualquer um, é a certeza de que ninguém fica sem resposta quando para a Senhora apela... e essa certeza, mais que quaisquer palavras que se possam escutar quando o desespero bate à porta de quem quer que seja, são o alento de que se precisa para que ninguém se sinta... órfão!

Que Maria, a Mãe querida a quem Jesus nos entregou, continue a proteger sempre toda a Humanidade!

MANUELA VASCONCELOS

*

PRECE À VIRGEM

Da sublimal fulgência, meiga e pura,
Do teu trono de luzes opalinas,
Aclara-nos, ó Mãe, a noite escura,
Com teu luar de bençãos peregrinas!

Por mais mirrada a face, ou mais impura,
Das nossas pobres almas pequeninas,
Menos acre será nossa amargura
Se estendes sobre nós as mãos divinas!

Santíssima Senhora dos aflitos,
Por compaixão, escuta os nossos brados...
Por caridade, atende aos nossos gritos!

Olvida, Doce Mãe, nossos pecados,
Pois nossos olhos tristes de precitos
Se erguem para ti, lacrimejados!

MANUEL M. BARBOSA DU BOCAGE

(In: CORREIO ENTRE DOIS MUNDOS, Médiun
Hernâni de Sant’Ana, ed. FEB., Rio – RJ. Diversos
Espíritos).

*

CARIDADE

Sem a caridade, tudo, na Terra que povoamos, seria o caos do princípio. A ciência ateará sempre a chama da palavra nos lábios humanos, erguendo pedestais à inteligência; mas, sem a caridade de Jesus, que alimenta o corpo e sustenta a vida, debalde se levantarão púlpitos e monumentos.

Todos os patrimónios que enriquecem o homem foram acumulados pela graça do Senhor, considerando o progresso em seus alicerces profundos. A caridade divina é tangível em toda a parte.

Caridade é o ar que respiramos, a luz que nos aclara os caminhos, o grão que nos supre de forças, o pano que nos envolve, a afeição que nos acalenta, o trabalho que nos aperfeiçoa e a experiência que nos aprimora.

O mundo inteiro é uma instituição de amor divino, a que nos acolhemos para amearhar a riqueza do futuro. A caridade é a coluna central que o mantém. Sem ela, que exprime paciência e humildade, serviço e elevação, a máquina da vida paralisaria em todas as peças. Sem ela, os santos mofariam no paraíso e os pecadores clamariam, desesperados, no inferno; os fortes não se inclinariam para os fracos, nem os fracos vicejariam ao contacto dos fortes; os sábios apodreceriam na estagnação, por ausência de exercício, e os ignorantes gemeriam, condenados indefinidamente às próprias trevas. Mas a bendita sentinela de Deus é o Anjo Guardião do Universo, e nunca relega as criaturas ao desamparo, ensinando que a vitória do bem, com ascensão para

a luz, é sempre obra de cooperação, interdependência e fraternidade.

A estátua não desfrutaria o louvor da praça pública sem a caridade do material inferior que lhe assegura o equilíbrio na base; a luz não nos livraria das sombras se a candeia acesa no velador não lhe dirigisse os raios para o chão.

O solo aceita as exigências do rio que o desgasta, incessantemente, e, com isto, a escola terrestre permanece viva e fértil; a semente conforma-se com o negrume e a soledade na cova é, assim, a mesa sem pão.

Sem obediência às normas de caridade, que exalta o sacrifício de cada um para a bem-aventurança de todos, qualquer ensaio da felicidade é impraticável.

Somos todos filhos da Graça Divina e herdeiros dela, e, para santificarmos a vanguarda do progresso, é imprescindível dar de nós mesmos, em oferta permanente ao bem universal.

Todo egoísmo está condenado de início.

A água, sem proveito, putrefaz-se. O arado inactivo é carcomido pela ferrugem. A flor estéril torna ao adubo. O espírito permanentemente circunscrito ao estreito círculo de si mesmo é castigado com a desilusão.

Recebendo as bençãos do Céu, através de mil vias, a cada instante da experiência no corpo, o homem que não aprendeu a dar, em auxílio espontâneo aos semelhantes, é louco e infeliz.

Multipliquem-se palácios para a administração e para a cultura do cérebro; mas, enquanto a porta do coração não se descerrar ao toque do amor fraterno, a guerra será o vulcão espiritual do mundo, devorando a Paz e a Vida. Descubram-se preciosos segredos da matéria e entoem-se cânticos de triunfo no seio das nações gloriosas da Terra; mas, **enquanto o homem não ouvir o apelo suave da caridade, para fazer-se verdadeiro irmão do próximo**, o solo do Planeta permanecerá empestado de vermes e encharcado de sangue dos mártires, que continuarão tombando a serviço da divina virtude em intérmina caudal. (O destaque é nosso).

FABIANO DE CRISTO

(In: FALANDO Á TERRA, psicografado pelo médium Francisco C. Xavier, ed. FEB, Espíritos Diversos).

*

EDUCAÇÃO : O PAPEL DOS ESPÍRITAS

Não há tarefa mais difícil sobre a Terra do que educar o ser humano. E é justamente esta tarefa que compete ao Espiritismo, cuja doutrina revela ser a educação o único meio de salvação da humanidade do caminho do erro e do sofrimento. Basta verificar as questões 685 (nota) e 914 de ‘O LIVRO DOS ESPÍRITOS’ para se entender que o problema humano é exclusivo da educação. Allan Kardec, eminente educador e discípulo de um dos maiores pedagogos do mundo, Henri Pestalozzi (1746-1827), preocupou-se, sobretudo, com a educação e recomendou em suas ‘OBRAS PÓSTUMAS’ se instalassem cursos de Espiritismo para

esclarecimento e formação do homem dentro dos princípios doutrinários, visando aos seus objectivos espirituais.

E o que vem a ser educação?

Os professores e educadores estão cansados de saber que a educação é um processo complexo de formação do carácter, através do desenvolvimento das boas potencialidades do homem, quer no aspecto intelectual, físico ou espiritual. Educar quer dizer formar o espírito, torna-lo capaz de conviver condignamente com os semelhantes, observando os preceitos da lei humana e os princípios da Lei de Deus. Enquanto as doutrinas filosóficas, em geral, e as religiões dão uma conotação restrita à educação, o Espiritismo a compreende sob uma concepção ampla e profunda, de acordo com seus princípios filosóficos.

Para o pensador materialista, a exemplo de Emile Durkheim (1858-1917), a educação não passa de “uma socialização da geração jovem”, objectivando a formação do cidadão exclusivamente para a vida social. Para o espiritualista, como João Amos Comenius (1592-1670), a educação deve formar o homem para Deus, tendo em vista que a verdadeira vida é a vida eterna e não a vida terrena. Já o Espiritismo, que compreende a pré e a pós existência do espírito, vê na educação um instrumento imprescindível para a evolução espiritual, considerando que o homem educado é o que está preparado para viver no mundo e pelo mundo, viver no plano do espírito e prosseguir evoluindo em cada etapa de novas experiências de aprendizagem. Desse modo, o Espiritismo não circunscreve as finalidades da educação a esta vida ou a outra vida apenas, mas ensina que o Espírito em aperfeiçoamento é sempre um aprendiz na escala infinita da evolução. O fim da educação não está, portanto, nesta vida, nem

tão pouco num suposto céu de gozos eternos e ausência de progresso, mas na evolução constante do espírito.

Como a função precípua da religião é educar o homem para o seu fim último, dentro dos valores espirituais, a religião verdadeira é aquela que realmente educa, isto é, é aquela que não apenas instrui, que não apenas informa, que não apenas converte as massas, mas que, sobretudo, vai tornando-os melhores do que eram, em termos de conduta, de procedimento.

Ora, a Doutrina Espírita revive os ensinamentos cristãos no seu verdadeiro sentido, proclamando sua moral, que é a prática do amor pelo exercício da caridade. Neste particular, ela tem por meta educacional não somente esclarecer o homem sobre a verdade espiritual, mas, principalmente, transformá-lo num praticante da caridade.

De que vale ao homem conhecer o Espiritismo, concordar com seus princípios, aceitar sua moral como verdadeira e única, sem, no entanto, utilizá-la como norma de conduta? Procedera como o homem insensato que construiu a casa sobre a areia, no dizer de Jesus, conforme se lê em Mateus, capítulo 7, versículos de 24 a 27. Kardec, referindo-se ao problema, observa em “O LIVRO DOS MÉDIUNS”: “De que serve ao avarento ser espírita se continua avarento; ao orgulhoso, se se conserva cheio de si; ao invejoso, se permanece dominado pela inveja? Assim, poderiam todos os homens acreditar nas manifestações dos espíritos e a humanidade permanecer estacionária”. Eis porque a principal meta educacional da Doutrina Espírita é a renovação dos sentimentos humanos, a substituição dos maus hábitos pelos bons, pelo exercício constante da virtude em detrimento dos vícios perturbadores do espírito. Mas para que isso aconteça,

necessário e imprescindível se torna o conhecimento do Espiritismo.

Urge, portanto, que todos concebam a educação espírita como processo contínuo e persistente de proporcionar à criança, ao jovem e ao adulto – não importa a idade para o espírito – condições de integrar-se no pensamento e no sentimento do Espiritismo. A par disto é que as instituições espíritas precisam estar organizadas sobre as ideias propulsoras de Allan Kardec, para promoverem a educação dos adeptos e assistirem a todos quantos procurem os seus serviços. Há necessidade de uma preocupação constante e até ousada nesse sentido para fazer do Centro Espírita também uma escola de Espiritismo, instituindo-se, além da evangelização infanto-juvenil, a educação espírita do adulto – no sentido usual da educação permanente – através da organização de cursos, sessões de estudos, mesas redondas, palestras, conferências, sistematicamente idealizados e registados. Nisso vai uma pretensão que é do próprio codificador da Doutrina, reconhecidamente conscienciosa da problemática espírita, conforme se pode inferir de suas anotações a respeito do futuro do Espiritismo.

Considerar, todavia, que a educação espírita deva ser reduzida ao lar e ao Centro é contrariar o carácter universalista da Doutrina. Uma vez que os Espíritos Superiores se propuseram, através de Kardec, a oferecer novos conhecimentos ao mundo, para que eles se difundissem e mudassem o panorama moral da humanidade, é de se concluir que, nas actuais condições do planeta, à escola espírita está reservada a missão de propagar tais conhecimentos, através da educação. Porque a escola? Porque a escola, sistematicamente organizada, por meio de currículos e programas, professores habilitados, instalações, equipamentos e

material didáctico, tem a tarefa definida de informar e formar consciência na condução de todo um processo social. Sua actuação baseia-se numa Filosofia da Educação, gerando uma Pedagogia, que norteia a formação dos alunos. A escola espírita, por sua vez, deve assentar-se sobre uma Pedagogia Espírita, definindo seus objectivos – não como as religiões dogmáticas e salvacionistas, que se arvoram em únicos herdeiros da verdade mas dentro daquele carácter de doutrina universal, voltada ao desenvolvimento integral do ser humano.

Um esforço no sentido de buscar a participação de directores e professores de mais de uma centena de escolas espíritas no País, como há algum tempo se observou, é tarefa louvável tanto quanto necessária. A educação Espírita precisa tomar um corpo sistematizado nos princípios doutrinários, gerando um sistema pedagógico que possa proporcionar, inclusive, a possibilidade da formação de uma universidade espírita. Não haveria nenhum sentido em se manter uma escola espírita, se não estivesse ela preocupada em trabalhar em prol da educação espírita, o que significa que somente uma tomada de consciência geral dos educadores nesse sentido poderá atender às verdadeiras finalidades da Doutrina no mundo de hoje.

O carácter educacional do Espiritismo é o que mais se evidencia na actualidade, quando a humanidade se mostra ansiosa por uma paz íntima e renovadora, não encontrada nas manifestações religiosas dos cultos exteriores, nem na apologia prepotente do intelecto, mas na harmonia com os desígnios de Deus.

A propósito do assunto, disse o próprio Kardec:

“Se o Espiritismo, conforme foi anunciado, tem que determinar a transformação da humanidade, claro é que esse efeito só poderá produzir melhorando as massas, o que se verificará, geralmente, pouco a pouco, em consequência do aperfeiçoamento dos indivíduos...”

“Convidamos, pois, todas as sociedades espíritas a colaborar nessa grande obra. Que de um extremo a outro do mundo elas se estendam fraternalmente as mãos e eis que terão colhido o mal em inextricáveis malhas.”(O LIVRO DOS MÉDIUNS, capítulo XXIV, item 350).

J. B. C.

(In: Revista Espírita INFORMAÇÃO, Vila Mariana, São Paulo, Brasil, Janeiro de 1979).

*

ORAÇÃO DA CRIANÇA AO HOMEM

Edificaste um mundo novo, em que me veja num futuro melhor. Auxilia-me a ter alegria dentro dele.

Deste-me liberdade. Ensina-me a ser livre, sendo feliz.

Colocaste-me no centro da cultura, com acesso às mais avançadas experiências. Guia-me os passos para que não me sinta em desequilíbrio e para que o desequilíbrio não me enlouqueça.

Dizes que me defendes. Não me recuses os benefícios da escola e do trabalho e nem me induzas a qualquer ideia de ódio e separação.

Inventaste estradas nos céus. Ajuda-me a construir caminhos em que possa fazer o meu encontro com os semelhantes, no clima da compreensão e da paz.

Criaste máquinas preciosas para meu conforto. Ensina-me a dirigi-las com amor e responsabilidade para que elas não me esmaguem.

Desenvolveste o progresso e levantaste a grandeza material em todos os recantos da Terra e agradeço-te por tudo – a ti que me acolhes com tanto carinho e com tanto amor – mas peço, com todas as forças de meu coração, para que não me afastes de Deus.

MEIMEI

(In: ANTOLOGIA DA CRIANÇA, autores diversos, médium Francisco C. Xavier, cap. 39. Ed. IDEAL – Instituto Divulgação Ed. André Luiz -, S. Paulo, 1979.)

*

Não existe criança – nem uma só – que não solicite Amor e auxílio, educação e entendimento. – ANDRÉ LUIZ.-

*

MENINO PERDIDO

I

Menino perdido!
Menino tão ferido
Que a vida marcou...
Lutando, vencendo,
Chorando, gemendo,
O que ele passou!

II

Menino perdido,
Enfrentando o p' rigo
Sendo fraco e forte,
Que não foi criança
E descreu da esp'rança
De um dia ter sorte!

III

Menino perdido...
Menino tão qu'rido
Sozinho crescendo...
Quem dera embalá-lo,
Poder confrontá-lo
Quando está sofrendo!

IV

Menino perdido...
És homem-menino
Mas tens um segredo:
- A vida que passa
Já não te amordaça,
Não te tolhe o medo!

V

Não temas, querido!
Não te dês, vencido,
À dor, à tristeza...
Luta pelo Bem
E verás também
Que a vida te preza!

VI

... Menino perdido,
Menino tão querido!

MANUELA V.

A VIDA FUTURA

A vida futura já deixou de ser um problema. É um facto apurado pela razão e pela demonstração para a quase totalidade dos homens, porquanto os que a negam formam ínfima minoria, sem embargo do ruído que tentam fazer. Não é, pois, a sua realidade o que nos propomos demonstrar aqui. Fora repetir-nos, sem acrescentarmos coisa alguma à convicção geral. Admitido que está o princípio, como primícias, o que nos propomos é examinar-lhe a influência sobre a ordem social e a moralização, segundo a maneira por que é encarada.

As consequências do princípio contrário, isto é, do nadismo, já são por demais conhecidas e bastante compreendidas, para que se torne necessário desenvolvê-las de novo. Apenas diremos que, se estivesse demonstrada a inexistência da vida futura, nenhum outro fim teria a vida presente, senão o da manutenção de um corpo que, amanhã ou dentro de uma hora, poderá deixar de existir, ficando tudo, nesse caso, inteiramente acabado. A consequência lógica de semelhante condição para a Humanidade seria concentrarem-se todos os pensamentos na incrementação dos gozos materiais, sem atenção aos prejuízos de outrem.

Por que, então, haveria alguém de suportar privações, de impor-se sacrifícios? Porque haveria de constranger-se para se melhorar, para se corrigir dos defeitos? Seria também a absoluta inutilidade do remorso, do arrependimento, uma vez que nada se deveria esperar.

Seria, afinal, a consagração do egoísmo e da máxima: **O mundo pertence aos mais fortes e aos mais espertos.** Sem a

Vida futura, a moral não passa de mero constrangimento, de um código convencional, arbitrariamente imposto; nenhuma raiz teria ela no coração.

Uma sociedade fundada em tal crença só poderia ter por elo, a prender-lhe os membros, a força e bem depressa cairia em dissolução.

Não se objecte que, entre os negadores da vida futura, há pessoas honestas, incapazes de cientemente causar dano a quem quer que seja e susceptíveis dos maiores devotamentos. Digamos, antes de tudo, que, entre muitos incrédulos, a negação do porvir é mais fanfarronada, jactância, orgulho de passarem por espíritos fortes, do que resultado de uma convicção absoluta. No foro íntimo de suas consciências, há uma dúvida a importuná-los, pelo que procuram eles atordoar-se. Não é, porém, sem dissimulação que pronunciam o terrível nada, que os priva do fruto de todos os trabalhos da inteligência e despedaça para sempre as mais caras afeições. Muitos dos que mais forte deblateram são os primeiros a tremer ante a ideia do desconhecido; por isso mesmo, quando se lhes aproxima o momento fatal de entrarem nesse desconhecido, bem poucos são os que adormecem do derradeiro sono na firme persuasão de que não despertarão algures, visto que a Natureza jamais abdica os seus direitos.

Afirmamos, pois, que na maioria dos incrédulos, a incredulidade é muito relativa, isto é, que não lhes estando satisfeita a razão, nem com os dogmas, nem com as crenças religiosas, e nada tendo encontrado, em parte alguma, com que enchessem o vazio que se lhes fizera no íntimo, eles concluíram que nada há e edificaram sistemas com que justificassem a negação. Não são, conseguintemente, incrédulos, senão por falta

de coisa melhor. Os absolutamente incrédulos são raríssimos, se é que existem.

Uma latente e inconsciente intuição do futuro é, portanto, capaz de deter grande número deles no declive do mal e uma imensidade de actos se poderiam citar, mesmo da parte dos mais endurecidos, testificantes da existência desse sentimento secreto que os domina, a seu mal grado.

Cumpre também dizer que, seja qual for o grau da incredulidade, o respeito humano é o que torna reservadas as pessoas de certa condição social. A posição que ocupam os obriga a uma linha de proceder muito discreta; temem acima de tudo a desconsideração e o desdém que, fazendo-os perder, por decaírem da categoria em que se encontram, as atenções do mundo os privariam dos gozos de que desfrutam; se carecem de um fundo de virtudes, pelo menos têm destas o verniz. Mas, aos que nenhuma razão se apresenta para se preocuparem com a opinião dos outros, aos que zombam do “que dirão”, e não há contestar que esses formam a maioria, que freio se pode impor ao transbordamento das paixões brutais e dos apetites grosseiros? Em que base assentar a teoria do bem e do mal, a necessidade deles reformarem seus maus pendores, o dever de respeitarem o que pertence aos outros, quando eles próprios nada possuem? Qual pode ser o estímulo à honradez para criaturas a quem se haja persuadido que não passam de simples animais? A lei, respondem, aí está para contê-los; mas, a lei não é um código de moral que toque o coração; é uma força cuja acção eles suportam e que iludem, se o podem. Se lhes cai sob o guante, isso é por eles tido como resultado de má sorte ou de inabilidade, a que tratam de remediar na primeira ocasião.

Os que pretendem que os incrédulos têm mais mérito em fazer o bem, por não esperarem nenhuma recompensa numa vida futura, em que não crêem, se valem de um sofisma igualmente mal fundado.

Também os crentes dizem que é pouco meritório o bem praticado com vistas em vantagens que possam colher. Vão mesmo mais longe, porquanto, se acham persuadidos de que o mérito pode ser completamente anulado, tal o móvel que determine a acção. A perspectiva da vida futura não exclui o desinteresse nas boas obras, porque a ventura que elas proporcionam está, antes de tudo, subordinada ao grau de adiantamento moral do indivíduo. Ora, os orgulhosos e os ambiciosos se contam entre os menos aquinhoados. Mas, os incrédulos, que praticam o bem são tão desinteressados como o pretendem? Será que, nada esperando do outro mundo, também deste nada esperem? O amor próprio não tem no caso a sua parte? Serão eles insensíveis aos aplausos dos homens? Se tal acontecesse, estariam num grau de perfeição rara e não cremos haja muitos que a tanto sejam induzidos unicamente pelo culto da matéria.

Objecção mais séria é esta: se a crença na vida futura é um elemento moralizador, como é que aqueles a quem se prega isso desde que vêm ao mundo são igualmente tão maus?

Primeiramente, quem nos diz que sem isso não seriam piores? Não há que duvidar, desde que se considerem os resultados inevitáveis da popularização do nadismo. Não se comprova, ao contrário, observando-se as diferentes graduações da Humanidade, desde a selvageria até à civilização, que o progresso intelectual e moral vai à frente, produzindo o

abrandamento dos costumes e uma concepção mais racional da vida futura? Essa concepção, no entanto, por muito imperfeita, ainda não pode exercer a influência que necessariamente terá, à medida que for mais bem compreendida e que se adquiram noções mais exactas sobre o futuro que nos está reservado.

Por muito sólida que seja a crença na imortalidade, o homem não se preocupa com a sua alma, senão de um ponto de vista místico. A vida futura, definida com extrema falta de clareza, só muito vagamente o impressiona; não passa de um objectivo que se perde muito ao longe e não um meio, porque a sorte lhe está irrevogavelmente assinada e em parte alguma lhe apresentam como progressiva, donde se conclui que aquilo que formos ao sair daqui sê-lo-emos por toda a eternidade. Aliás, o quadro que traçam da vida futura, as condições determinantes da felicidade ou da desventura que lá se experimentam, longe estão, sobretudo num século de exame como o nosso, de satisfazer completamente à razão. Acresce que ela não se prende muito directamente à vida terrestre, nenhuma solidariedade havendo entre as duas, mas, antes, um abismo, de maneira que aquele que se preocupa principalmente com uma das duas quase sempre perde a outra de vista.

Sob o império da fé cega, essa crença abstracta bastara às inspirações dos homens que, então, se deixavam conduzir. Hoje, porém, sob o reinado do livre exame, eles querem conduzir-se por si mesmos, ver com seus próprios olhos e compreender. Aquelas vagas noções da vida futura já não estão à altura das novas ideias e já não correspondem às necessidades que o progresso criou. Com o desenvolvimento das ideias, tudo tem que progredir em torno do homem, porque tudo se liga, tudo é solidário na Natureza: ciências, crenças, cultos, legislações, meios de acção.

O movimento para a frente é irresistível, porque é lei da existência dos seres. O que crer que fique para trás abaixo do nível social, é posto de lado como vestuário que se tornou imprestável; é, finalmente, arrastado pela onda que se avoluma.

O mesmo acontece com as ideias pueris sobre a vida futura, com que os nossos pais se contentavam; persistir hoje em impô-las seria propagar a incredulidade. Para que a opinião geral a aceite, e para que ela exerça sua acção moralizadora, a vida futura tem que ser apresentada sob o aspecto de coisa positiva, de certo modo tangível e capaz de suportar qualquer exame, satisfazendo à razão, sem nada deixar na sombra. No momento em que a precariedade das noções sobre o porvir abria a porta à dúvida e à incredulidade, novos meios de investigação foram conferidos ao homem, para penetrar esse mistério e fazer-lhe compreender a vida futura na sua realidade, em seu positivismo, nas suas relações íntimas com a vida corpórea.

Por que, em geral, se cuida tão pouco da vida futura? Trata-se, no entanto, de uma actualidade, pois que todos os dias milhares de homens partem para esse destino desconhecido. Tendo cada um de nós de partir por sua vez e podendo a hora da partida soar de um momento para o outro, parece natural que todos se preocupem com o que sucederá. Porque não se dá isso? Precisamente porque é desconhecido o destino e porque, até ao presente, ninguém tinha meio de conhecê-lo. A Ciência, inexorável, o desalojou dos lugares onde o tinham limitado. Está ele perto? Está longe? Acha-se perdido no infinito? As filosofias de antanho nada respondem, porque nada sabem a respeito. Diz-se então: “Será o que for”. Indiferença.

Ensinam-nos que seremos felizes ou infelizes, conforme houvermos vivido bem ou mal. Mas isso é tão vago! Em que consistem essa felicidade e essa infelicidade? O quadro que de uma e outra nos traçam tão em desacordo está com a ideia que fazemos da justiça de Deus, tão cheio de contradições, de inconseqüências, de impossibilidades radicais, que involuntariamente a dúvida se apresenta, senão a incredulidade absoluta. Ao demais, pondera-se que os que se enganaram com relação aos lugares indicados para moradas futuras, também podem ter sido induzidos em erro, quanto às condições que estatuem para a felicidade e para o sofrimento. Aliás, como seremos nesse outro mundo? Seremos seres concretos ou abstractos? Teremos uma forma ou uma aparência? Se nada de material tivermos, como poderemos experimentar sofrimentos materiais? Se os ditos nada tiverem que fazer, a ociosidade perpétua, em vez de uma recompensa será um suplício, a menos que se admita o Nirvana do Budismo, que não é mais desejável do que aquela ociosidade.

O homem não se preocupará com a vida futura, senão quando vir nela um fim claro e positivamente definido, uma situação lógica, em correspondência com todas as suas aspirações, que resolve todas as dificuldades do presente e em que não se lhe depare coisa alguma que a razão não possa admitir. Se ele se preocupa com o dia seguinte, é porque a vida do dia seguinte se liga intimamente à vida do dia anterior; uma e outra são solidárias; ele sabe que do que fizer hoje depende a sua posição amanhã e do que fizer amanhã dependerá a sua posição no dia imediato e assim por diante.

Tal tem que ser para ele a vida futura, quando esta não mais se achar perdida nas nebulosidades da abstracção e for uma

actualidade palpável, complemento necessário da vida presente, uma das fases da vida geral, como os dias são fases da vida corporal. Quando vir o presente reagir sobre o futuro, pela força das coisas, e, sobretudo, quando compreender a **reação do futuro sobre o presente**; quando, em suma, verificar que o passado, o presente e o futuro se encadeiam por inflexível necessidade como o ontem, o hoje e o amanhã na vida real, oh!, então, suas ideias mudarão completamente, porque ele verá na vida futura não só um fim, como também um meio; não um efeito distante, mas actual.

Então, igualmente, essa crença exercerá sem dúvida, e por uma consequência toda natural, acção preponderante sobre o estado social e sobre a moralização da Humanidade.

Tal o ponto de vista donde o Espiritismo nos faz considerar a vida futura.

ANÓNIMO

(In: Revista Brasileira INFORMAÇÃO, de Vila Mariana, S. Paulo, em Agosto de 1979. Secção 'Panorama', sem indicação do autor do texto).

*

O "próximo" é a ponte que nos conduz a Deus.
- ANDRÉ LUIZ.

